# PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UMA FERRAMENTA FACILITADORA NA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**DENISE VITAL**

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo discutir a utilização de práticas pedagógicas diferenciadas em uma série de 2º ano do Ensino Fundamental I, a fim de elencar situações que dinamizem a construção de um ambiente diferenciado em sala de aula. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, já que busca como abordagem a compreensão de um dado fenômeno dentro de um contexto específico, cujas informações são textos, relatos, entrevistas, entre outros, ou seja, foram observadas as percepções, as emoções, as crendices e os pensamentos sobre um dado tema, por meio da interação entre os indivíduos pesquisados. A investigação ocorreu baseada em uma amostra de 31 alunos de uma série de 2º ano do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de São Paulo. Os resultados indicaram que o professor é peça fundamental na evolução do aprendizado dos estudantes, proporcionando-lhes o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades, a partir da seleção de práticas pedagógicas diferenciadas que contemplem a diversidade dos educandos.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Ensino Fundamental I; Competências e Habilidades.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, uma preocupação da área da Educação tem sido as metodologias utilizadas pelo professor a fim de facilitar o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Inicialmente faremos um levantamento bibliográfico acerca do tema e discutiremos a aplicação de uma prática pedagógica diferenciada baseada na cooperação entre os pares, já a que a mesma apresenta infinitas possibilidades de aprendizagem como, por exemplo, o desenvolvimento da afetividade, a melhora do aprendizado, a socialização e a capacidade de cooperação entre os alunos como forma de nortear um trabalho significativo com foco na melhoria da qualidade de ensino. Pressupõe-se que vivenciar práticas educativas diferenciadas tanto na Educação Infantil, quanto no Ensino Fundamental, pode sensibilizar os alunos e ajudar no processo de autonomia dos mesmos.

Nos dias atuais, podemos dizer que a sociedade se encontra heterogênea em todos os sentidos, o que naturalmente exige uma reformulação da escola e consequentemente da revisão das práticas pedagógicas pelos professores. O desafio é selecionar, preparar e desenvolver atividades que maximizem a aprendizagem dos alunos, respeitando as diferenças de cada um, priorizando situações de cooperação e de relações interpessoais positivas, eliminando assim a agressividade, a hierarquia e a violência psicológica, criando assim um ambiente tranquilo e agradável para o aprendizado (Díaz-Aguado, 2000).

## A PRÁTICA DE ENSINAR E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

De acordo com Antunes (2013), ao discutir as ideias de Mosé (2013) a prática de ensinar não se limita mais a transmissão de conhecimentos, já que:

> Ensinar não pode ser [essencialmente] transmitir conhecimentos, mas, antes de tudo, provocar interesses e dúvidas, fazer com que brotem questões e desenvolver métodos de pesquisa, de filtragem e seleção de dados, de ordenação de conteúdos, de construção da argumentação. Só há conhecimento quando há interpretação. O contrário não é aprendizado (p. 13, grifos nossos).

Isso porque o conceito de que o professor era o detentor do conhecimento e os alunos eram apenas indivíduos passivos que recebiam os conteúdos, caiu por terra. Nos dias de hoje, segundo Kinney e Wharton (2009), é necessário reconhecer que as crianças e adolescentes são participantes ativos durante o processo de aprendizagem, ou seja, são eles que produzem o seu próprio conhecimento. Assim, é necessário que o professor desenvolva atividades voltadas para o cotidiano dos alunos, para que estes percebam o sentido das coisas e consequentemente ampliem e apliquem seus conhecimentos sobre um determinado tema.

Podemos perceber esta fala nas palavras de Paulo Freire (2015):

> [...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (p. 25, grifo do autor).

O autor relata ainda que o professor só conseguirá atingir seus objetivos de aprendizagem se utilizar uma metodologia diferenciada, desenvolvendo nos alunos a criticidade, a curiosidade e a autonomia dos mesmos.

Vigotski (1996), por exemplo, recorre às vivências e experiências para explicar o desenvolvimento da consciência. Este é um processo racional e afetivo, ligado ao cotidiano dos indivíduos, onde: "as vivências englobam tanto a tomada de consciência quanto a relação afetiva com o meio e da pessoa consigo mesma, pela qual se dispõem, na atividade consciente, a compreensão dos acontecimentos e a relação afetiva com eles" (Toassa, 2011, p. 231).

Ou seja, para Vigotski (1996), ao atribuir significado àquilo que se vive, a criança passa a se desenvolver melhor, compreendendo e interagindo com o mundo que a cerca. Isso acontece porque quando a criança se apropria da linguagem materna, ou seja, do conteúdo semântico, ela se torna capaz de generalizar as situações a sua volta. Essas generalizações ajudam a criança a diferenciar o mundo interior do exterior, passando a ter consciência de seus estados afetivos, interpretando e dando significado aos seus sentimentos e desejos, ou seja, passa a compreender o que vive. Além disso, a criança passa a compreender seus afetos e, também o que reflete em seu comportamento. Isso significa que: "aos sete anos se forma na criança uma estrutura de vivências que lhe permite compreender o que significa 'estou alegre', 'estou angustiada', 'estou enfadada', 'sou boa', 'sou má'" (Vigotski, 1996, p. 380).

## APLICAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM ESTUDO DE CASO

Dentro da pedagogia, há diferentes práticas pedagógicas que podem ser aplicadas em sala de aula de acordo com objetivos específicos. A aprendizagem cooperativa, por exemplo, baseia-se no uso da cooperação e da interação entre os pares, para que o conteúdo desenvolvido torne-se significativo para ambos, implicando em um processo de ensino-aprendizagem nos quais alunos e professores assumem novos papéis. Para que isso ocorra de forma plena, o professor deve separar as crianças em equipes heterogêneas, principalmente quanto aos níveis de aprendizado. A proposta é que ao longo das atividades os alunos sejam incentivados a ajudar, estimular, discutir e argumentar junto aos demais colegas, resolvendo as possíveis lacunas que venham a surgir durante o desenvolvimento da atividade.

Além disso, de acordo com Slavin (1995), a prática é considerada uma das mais amplas quanto à teoria, a prática e a investigação em educação, sabendo-se que as situações cooperativas são baseadas nas interações sociais e na interdependência social entre os membros de um grupo. Os alunos trabalham com papéis e identidades previamente definidos, trocando informações, materiais, destacando-se a cooperação e a responsabilidade de cada um para que o trabalho saia. Neste caso, um aluno só poderá ter sucesso se todos os colegas do grupo também tiverem, como uma forma de recompensa e entrelaçando assim o conhecimento de todos.

Para este estudo de caso, foi observado o desenvolvimento de uma atividade prática com trinta e um alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental pertencente à Prefeitura do Município de São Paulo, localizada na região leste de São Paulo. A professora em questão aplicou uma atividade cooperativa com os alunos da classe utilizando as indicações do Caderno da Cidade do 2º ano de Língua Portuguesa, Unidade 1 – Galeria de Personagens: Lobos e Presas. A mesma dividiu a sala em grupos de quatro a cinco alunos, tendo como parâmetro os diferentes níveis de aprendizagem: abaixo do básico, básico, adequado e avançado; separando-os de forma heterogênea, com a ideia de que entre os pares os mesmos se auxiliassem nas dificuldades a fim de saná-las. Inicialmente a professora explicou a proposta e realizou uma roda de conversa a fim de socializar o assunto. Cada grupo recebeu uma orientação e uma atividade diferenciada contemplando o mesmo tema, dividindo a sala em estações de trabalho e delimitando as regras de convívio. Ao longo da atividade, cada grupo ficou responsável por desenvolver uma fase do trabalho, até que o produto final seria a produção coletiva de um trabalho único realizado pela sala. Após a leitura realizada pela professora da história "Chapeuzinho Vermelho", as atividades desenvolvidas foram:

a) Grupo I – Responsável pelas etapas 1 e 2: organização de uma lista contendo palavras e expressões que chamaram a atenção, bem como a escolha do trecho a ser reescrito;

b) Grupo II – Responsável pela etapa 3: reconto por si próprio, pelo colega ou coletivamente;

c) Grupo III – Responsável pela etapa 4: início da reescrita, utilizando a produção do grupo I;

d) Grupo IV – Responsável pela etapa 2 da página seguinte: elaboração coletiva da escrita das características dos personagens;

e) Grupo V – Responsável pela revisão do texto escrito coletivamente, levando em consideração a opinião dos colegas;

f) Grupo VI – Responsável pelas etapas 4 e 5: lista coletiva dos personagens e montagem da ficha do personagem.

g) Produção coletiva com a participação de todos os grupos: confecção e montagem da galeria (exposição).

Os resultados da aplicação desta atividade baseada em uma aprendizagem cooperativa mostraram-se interessantes e úteis para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, à medida que possibilitou avanços significativos e estabeleceu um clima harmonioso, além da melhoria das relações sociais entre os alunos.

## DESAFIOS PARA ALÉM DA SALA DE AULA

A sociedade tem se transformado constantemente nos últimos anos. Isso requer da escola e consequentemente do professor, o aprimoramento de técnicas e recursos, para que os estudantes possam acompanhar e fazer parte deste processo evolutivo. Talvez um dos maiores problemas enfrentados pelo professor seja a utilização das tecnologias como ferramenta de ensino. Podemos citar primeiramente, o desenvolvimento midiático e tecnológico, que surgiu para desafiar o ser humano no seu dia a dia, e também facilitar, dentre outras coisas, o processo pedagógico. Infelizmente, com esse contexto muitos professores sentem-se inseguros diante de tanta tecnologia, pois, utilizando o exemplo da Rede Municipal da Prefeitura de São Paulo, podemos citar a Jornada Especial Integral de Formação (JEIF), onde além de discussões de caráter pedagógico, ainda é necessário um bom conhecimento das tecnologias para desenvolver as atividades, como uso do Sistema de Gestão Pedagógica (SGP), onde são lançados os conteúdos pertinentes ao diário de classe, relatórios do aluno, planejamento das práticas pedagógicas, entre outros. Outro problema está relacionado à insegurança durante a escolha de práticas pedagógicas adequadas comprometendo e limitando muitas vezes, o processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessário um novo olhar a cerca do processo educativo, a fim de buscar ações que contemplem inovações didáticas e metodológicas, como motivador de todo o processo.

O conceito do aprender fazendo de John Dewey, por exemplo, tornou-se um pensamento enraizado na história da pedagogia. Tanto a concepção antiga (tradicional) quanto a atual, amplamente consolidadas, possuem um lugar garantido na educação do futuro (GADOTTI, 2000).

Ainda de acordo com o autor, na chamada sociedade da informação, a escola deve servir de norte, a fim de superar a visão utilitarista que incita a competitividade na busca por resultados. Ou seja, o papel da escola deve ser o de orientar criticamente, na busca de uma informação que os façam amadurecer (GADOTTI, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo avaliar a utilização de práticas pedagógicas diferenciadas em uma série de 2º ano do Ensino Fundamental I, através de um estudo de caso de leitura e escrita dentro do Caderno da Cidade de Língua Portuguesa, bem como suas implicações no desenvolvimento e aprendizado dos educandos. Após levantamento bibliográfico e acompanhamento da dinâmica em sala de aula, foi possível observar que as práticas pedagógicas quando bem elaboradas e fundamentadas, resultam na evolução do aprendizado dos estudantes, proporcionando-lhes o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades, como a interação, a cooperatividade, a responsabilidade, entre outros, durante o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Além disso, as práticas pedagógicas devem se preocupar em respeitar a diversidade dos alunos para que os mesmos respeitem uns aos outros. Por fim, apesar de esta prática pedagógica ter dado certo, devemos lembrar que ainda, os professores enfrentam inúmeros desafios para colocá-las em prática, seja pela dificuldade de utilizar materiais midiáticos, seja pela falta de tempo para planejar, entre outros fatores que atrapalham uma prática pedagógica de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Professores e professauros: reflexões sobre a aula e as práticas pedagógicas diversas. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

Díaz-Aguado, M. J. (2000). Educação intercultural e aprendizagem cooperativa. Porto: Porto Editora.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

KINNEY, L.; WHARTON, P. Tornando visível a aprendizagem das crianças: educação infantil em Reggio Emilia. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MOSÉ, V. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Toassa, G. Emoções e vivências em Vigotski. Campinas: Papirus, 2011.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Caderno da Cidade: saberes e aprendizagens: Língua Portuguesa – 2 º ano – São Paulo: SME/COPED, 2019. 136 p.

Slavin, R. E. (1995). Cooperative learning: theory, research and practice. Boston, MA: Allyn & Bacon.

TOASSA, G. Emoções e vivências em Vigotski. Campinas, SP: Papirus, 2011.

Vigotski, L. S. A transformação socialista do homem. Tradução de Roberto Della Santa Barros. [S.l.: s.n.], 1930. In: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. Disponível em: . Acesso em: 28 mai. 2019.